

# ESTUDO DE CASO: ACOMPANHAMENTO LONGITUDINAL DE UMA CRIANÇA NO INÍCIO DA ALFABETIZAÇÃO

Palavras-Chave: ALFABETIZAÇÃO-1, NEUROLINGÜÍSTICA-2, DESPATOLOGIZAÇÃO-3

Autoras:

CRISCYANE LORRANY LACERDA LIMA– IEL

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA IRMA HADLER COUDRY (orientadora), HL - IEL

---

## INTRODUÇÃO:

O CCazinho foi criado em 2004, na área de Neurolinguística, no Departamento de Linguística da Unicamp, pela Prof.<sup>a</sup> Maza, a fim de acolher crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem relacionadas à aquisição de leitura e escrita. Esse espaço é um lugar de pesquisa neurolinguística, onde futuros professores de português, linguistas e fonoaudiólogos podem compreender como se dá o processo de aquisição de escrita e leitura.

Este projeto analisa criticamente o processo de inserção de uma criança no mundo das letras, tendo como base a Neurolinguística Discursiva, por meio de seu acompanhamento longitudinal. JS é uma menina de 11 anos, cursando o 5º do ensino fundamental, que começou a frequentar o Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/IEL/Unicamp) em setembro de 2023. Devido aos efeitos da pandemia na aprendizagem em geral e ao fato de frequentar uma escola particular que enfatiza exaustivamente o estudo da gramática normativa nas aulas de português, JS chegou ao CCazinho com pouca prática de leitura e escrita, um relatório escolar incoerente e um laudo de TDAH contestável.

As escolas públicas, privadas e clínicas tradicionais rotulam, de forma crescente, as crianças como normais ou patológicas (Coudry, 2006). A patologização caracteriza o feito de *laudar* ou diagnosticar crianças com supostas patologias – tais como: Dislexia, Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade, Déficit Intelectual/Cognitivo, Déficit do Processamento Auditivo, Dificuldade de Leitura e Escrita (DEL I, II, III) – com base nos chamados “erros” marcados em escritas iniciais, ancoradas na fala absolutamente normais, antes da prática da escrita e reescrita (COUDRY e FREIRE, 2005; POSSENTI, 2005).

Tais diagnósticos são aplicados a partir de testes padronizados e descontextualizados que não consideram o contexto social, histórico e cultural no qual a criança está inserida.

É possível afirmar, portanto, que a aplicação destes testes padronizados e o seu resultado não levam em conta a subjetividade das crianças: o contexto familiar, histórico e social nos quais estão inseridas e, principalmente, as hipóteses de leitura e escrita (ABAURRE, 1997) comuns e até mesmo esperadas construídas pelas crianças na fase inicial de aprendizado de leitura e escrita. Desta forma, muitos diagnósticos se revelam equivocados e se tornam o marco inicial de um processo de patologização/medicalização que afeta negativamente todo o percurso escolar da vida das crianças e, inclusive, sua vida afetiva e profissional. (MOUTINHO, 2016, p. 290)

A escola e professores de JS desconsideraram que ela estudou boa parte do ensino fundamental online, devido à pandemia, e colocaram uma pressão muito grande na família por busca de um laudo. A mãe de JS disse: "Foi a neuropediatra quem deu o laudo de TDAH porque a escola queria um laudo para saber o porquê de ela ser assim, foi a escola que exigiu. A gente teve que fazer um plano de saúde para ir nessa neuropediatra e ela deu um questionário para mim e para meu filho. Daí, ela disse que deu isso aí [TDAH]. No consultório, ela mandou a JS escrever, ditava umas palavras e JS escrevia. Teve umas que ela acertou, mas teve umas que ela trocava as letrinhas. Acho que foi daí que ela tirou essa conclusão. Mas a psicóloga acredita que JS não tenha nada."

A Neurolinguística Discursiva (ND), por outro lado, problematiza o excesso de diagnóstico e não interpreta as hipóteses de escrita iniciais das crianças como sendo sintomas de patologias, mas sim um processo de aprendizagem em curso que tem a presença da fala na escrita (COUDRY, 2007; COUDRY e FREIRE, 2017; MOUTINHO e COUDRY, 2021). Os pesquisadores no CCazinho estudam as hipóteses intermediárias realizadas pelas crianças ao tentarem escrever, ou seja, direcionam o seu olhar para o processo e não para o resultado.

## **METODOLOGIA:**

Com o intuito de continuar na empreitada contra a patologização na infância, as pesquisas no CCazinho tomam posição a favor do cuidado psíquico da criança por meio de experiências com a linguagem que fazem sentido para elas, vividas na avaliação e no acompanhamento longitudinal. A ND também é contra a posição equivocada de interpretar a presença da fala na escrita como da ordem do patológico.

A ND tem como fundamentação teórica a vertente da Neuropsicologia soviética desenvolvida por Leontiev (1986), Vygotsky (1986) e Luria (1986) que propõem a formação de novas conexões nervosas com a entrada da criança na escrita, ampliando sua condição psíquica para lidar com novos aprendizados (VYGOTSKY, 1986; VYGOTSKY, 2021a e 2021b).

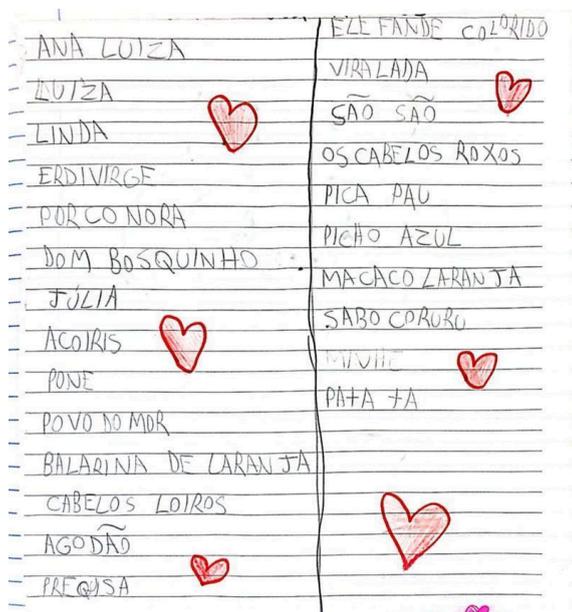
As sessões no CCazinho funcionam com uma dinâmica que envolve fala, leitura e escrita sobre diversos temas, com ênfase, inicialmente, na escrita de palavras que tenham sentido para as crianças. Por exemplo, nas primeiras sessões, ao perceber em conversas o gosto de JS por bichos de pelúcia, foi proposto que ela escrevesse o nome de suas pelúcias.

De acordo com Coudry (2021), é a partir da escrita de palavras que se reconhece em que ponto a criança está na aquisição da escrita alfabética: "se só dominam a escrita da sílaba canônica

(CV), se apresentam questões de sonoridade, questões ortográficas e o que fazem para enfrentar outras possibilidades de representação” (p.34).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Figura 1



Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística/CNPq: 309263/209-0

No caso de JS era perceptível, desde os primeiros encontros, que não havia nada de atípico<sup>1</sup> em sua escrita. Crianças em geral criam hipóteses, baseadas em sua fala e na fala de outros com quem convive, que levam, no processo de entrar para o mundo das letras, à escrita ortográfica, segundo as normas da Língua Portuguesa. A tabela abaixo sistematiza e explica as hipóteses de JS a partir da proposta de estruturação interna da sílaba de cf. Halle & Vergnaud (1978, apud ABAURRE, 2001) e Selkirk (1982, apud ABAURRE, 2001) para analisar os dados.

Tabela 1

| DADO ACHADO <sup>2</sup>   | FENÔMENO   |
|--|--|
| <i>Erdvirge</i> (Edwiges <sup>3</sup> )                                  | Presença da fala na escrita  |
| <i>Balarina</i> (Bailarina); <i>mor</i> (humor <sup>4</sup> )            | Presença da fala na escrita  |
| <i>Coruru</i> (Cururu)   | Instabilidade na relação fonema-grafema (o no lugar do u e vice-versa) |
| <i>São São</i> (Sansão)  | Representação da nasalidade  |
| <i>Acoiris</i> (Arco-íris); <i>Agodão</i> (algodão); <i>Povo</i> (Polvo) | Apagamento da coda silábica  |
| <i>Porconora</i> (Porconoura = Porco + Cenoura); <i>Pone</i> (Pônei)     | Presença da fala na escrita  |

<sup>1</sup> Ver Coudry 2022, 2023 (CNPq) para a definição de atipia segundo LURIA, assumida pela ND.

<sup>2</sup> (COUDRY, 1991/1996)

<sup>3</sup> Personagem da saga *Harry Potter*.

<sup>4</sup> Polvo do humor é uma pelúcia que virou febre entre as crianças, mas JS acreditava que o seu nome era “Polvo do mor”, sem fazer nenhuma conexão com a palavra “humor”. Após explicar, ela entendeu que a palavra era “humor” devido à pelúcia trocar de expressão ao virar do avesso.

|  |   |
|--|---|
| <i>Prequiça</i> (Preguiça)   | Presença do sussurro na escrita   |
| <i>Elefande</i> (Elefante); <i>Viralada</i> (Vira-lata)                    | Processo incompleto de diferenciação entre fones vozeados e não vozeados com interferência da fala na escrita |
| <i>Picho Azul</i> (Bicho Azul); <i>Sabo</i> (Sapo); <i>Patata</i> (Batata) | Processo incompleto de diferenciação entre fones vozeados e não vozeados com interferência da fala na escrita |

Uma substituição comum e recorrente entre os que estão em processo de alfabetização é a representação gráfica das consoantes surdas por sonoras, ou vice-versa, tal como a escrita de “fela” (por vela). Essa substituição, vulgarizada como “troca de letras” (ABAURRE, 2001) é frequentemente interpretada como sintoma de Dislexia (COUDRY, 2020). No entanto, a substituição do fone [f] pelo [v] decorre do fato de ambas serem fricativas labiodentais, ou seja, terem o mesmo ponto de articulação, mas modos distintos de realização, diferenciando-se apenas no traço [+vozeado]. Essa substituição provém grandemente dos contextos de aquisição da fala da criança em que o sentido é garantido pela situação discursiva e a diferença entre surda e sonora é minimizada, ou simplesmente do seu sussurro na hora de escrever, transformando o que teria um som vozeado em desvozeado (CAGLIARI, 1989). Isso explica a escrita de “prequiça”, “elefande”, “viralada”, “picho azul”, “sabo” e “patata”

Na escrita de “povo”, “acoiris” e “agodão” há o apagamento da coda silábica. De acordo com Abaurre (2001), “O português permite o preenchimento da coda [...], mas tais sílabas são mais complexas” (p.10). Dessa forma, as sílabas CV (Consoante-Vogal) são mais simples, enquanto uma sílaba CVC (Consoante-Vogal-Consoante) é mais complexa. É normal a criança simplificar a estrutura silábica para a produção da palavra, isso também explica o apagamento do segundo núcleo silábico em “porconora” e “pone”. Assim, a hipótese de JS não é um erro/desvio, mas passa pela fala em que a coda não é pronunciada e por isso não marcada na escrita. E isso é parte do processo de aquisição da escrita típico pelo qual as crianças passam.

Como vimos, na escrita inicial das crianças o apoio na fala orienta sua escrita, em “*Acoiris*”, JS utiliza o /r/ fricativo e não o /r/ retroflexo na pronúncia de palavras com a letra “r” antecedida por vogal e seguida por consoante (ex: porta, apartamento, perto). Por não haver nenhum movimento coronal ou labial entre a pronúncia da vogal e, posteriormente, do /r/, isso dificulta a sua percepção fonológica da posição do “r” na escrita da palavra.

Outro exemplo de substituição comum que as crianças realizam, no processo de alfabetização, é a representação da nasalidade: na escrita de “São São”, JS utiliza a vogal acentuada “ã” para as duas representações gráficas da nasalidade, que têm o mesmo som, mas uma representação gráfica diferente (San e São), ou seja, realiza uma representação possível na língua, ainda que não coincida em uma delas com a forma ortográfica.

## CONCLUSÕES:

A partir dessas análises linguísticas, é perceptível que crianças em geral criam hipóteses, baseadas em sua fala e na fala de outros com quem convive, que levam a acertos e erros ortográficos segundo as normas da Língua Portuguesa, não havendo, assim, nenhum erro/desvio ou atipicidade em relação às hipóteses geradas por JS. Testes padronizados e descontextualizados podem levar a equívocos e patologizações desnecessárias. A Neurolinguística Discursiva oferece uma perspectiva que valoriza e analisa o processo de aprendizagem e as hipóteses que a criança elabora em suas primeiras escritas, sem que sejam rotuladas como da ordem do patológico, mas, ao contrário, possíveis de serem reelaboradas nas atividades com a linguagem que experimenta, e assim entrem no mundo das letras, em ritmos diferentes, lendo e escrevendo.

## BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. B., **Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos?** In: HERNANDORENA, C. L. M. *Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos?* Pelotas: EDUCAT/ ALAB, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- COUDRY, M.I.H.; FREIRE, F. **O Trabalho do Cérebro e da Linguagem: a vida e a sala de aula**. CEFIEL/ IEL/UNICAMP, 2005.
- COUDRY, M. I. H. **O que fazer com as dificuldades de leitura e escrita? Analisar e intervir**. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 51, n. 3, p. 1017–1034, 2023. DOI: 10.21165/el.v51i3.3263.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. **Patologia estabelecida e vivências com o escrito: o que será que dá?** Trabalho apresentado no Simpósio Revisitando aspectos da aquisição da escrita: considerações linguísticas, no 7º Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem, Porto Alegre, 2006.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Relatório de Pesquisa. **Neurolinguística Discursiva: afasia e infância – encontro inevitável**. CNPq/312522/2013-4, 60p. Impresso. 2020.
- COUDRY, Maria Irma & FREIRE, Fernanda. (2017). **Fala e leitura: uma (re)entrada para a escrita**. *Estudos Linguísticos* (Campinas, 2017), 59. 565. 10.20396/cel.v59i3.8650998.
- MOUTINHO, I. de C. N., & COUDRY, M. I. H. (2021). **Neuroeducação e dificuldades de leitura e escrita: análise à luz da Neurolinguística Discursiva**. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), 50(3), 1136–1158.
- MOUTINHO, Isabella de Cássia Netto. **Contribuições da neurolinguística discursiva para a formação de professores**. *Revista Pesquisa Qualitativa*, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 289–310, 2016.
- POSSENTI, Sírio. **Aprender a escrever (re)escrevendo**. CEFIEL, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. **Aprendizaje y desarrollo intelectual en la edad escolar**. In: *Luria, Leontiev, Vigotsky: Psicología y Pedagogía*. Espanha: Akal, 1986.